

LITERATURA INFANTIL: ENTRE O SELVAGEM E O DOMÉSTICO

Ivete Lara Camargos Walty

Trabalhando recentemente com o conceito de cultura, pude perceber pontos comuns entre a relação intercultural e as relações estabelecidas entre a criança e o adulto. A partir daí resolvi verificar a pertinência de tais associações, examinando a produção cultural para criança, especialmente a chamada literatura infantil.

Discute-se muito hoje a questão da identidade cultural para se fazer uma revisão do colonialismo salientando seus pontos negativos advindos do etnocentrismo. Ora, o que é o etnocentrismo senão «a crença de que, se os outros são diferentes de nós, eles devem ser inferiores»?.⁽¹⁾ O contacto entre os povos através dos tempos tem evidenciado esse pensamento, e é sob essa justificativa que ocorrem invasões geográficas, políticas, econômicas, culturais e sociais. A história universal é uma repetição de invasões concretizando o imperialismo nos mais diversos setores. Dos gregos e romanos no passado aos russos e americanos hoje, o que se vê é a opressão em nome da superioridade, do desenvolvimento, do progresso e até da paz. O mundo caminha sempre em busca de uniformização, procurando rejeitar, pelo extermínio ou pela assimilação, tudo aquilo que é diferente, que ameaça a paz do conhecido. Assim é que os índios foram «civilizados»; mortos ou anulados, eles não ameaçariam mais a superioridade européia. É a ordem da domesticidade sobrepondo-se à selvagem. Instaura-se, pois, a antropofagia ao inverso: devora-se aquele que é rotulado de canibal, em nome da não-violência.

A antropologia ressalta o valor do «outro» e busca estudar um povo na sua feição sem passá-lo pelo crivo do «mesmo», do conhecido, ou seja, do eu.⁽²⁾

Depois dessa introdução, poder-se-ia pensar que vou tratar da influência estrangeira na literatura infantil, do imperialismo cultural no Brasil hoje. Embora seja um assunto importante e relacionado com o presente estudo, tento ir além e analisar o imperialismo cultural nas relações entre o adulto e a criança, sobretudo na produção do adulto para a criança. Sim, porque a educação é uma forma de dominação cultural, é a preparação da criança para a uniformização, para a repetição em cadeia de valores a serem perseguidos; e a literatura infantil ocupa nesse processo um lugar especial.

O que somos nós pais, professores ou autores senão os colonizadores que, em nome da educação, cerceamos tudo aquilo que as crianças têm de diferente e que, por isso, nos ameaça? Não nos julgamos, mesmo que declaremos o contrário, os modelos a serem seguidos por aqueles a quem estamos ligados afetivamente? Não preparamos nossos filhos para o futuro, dando-lhes condições de «vencer na vida», «ser alguém», destacando-se pelo sucesso e pelo dinheiro?

Em nenhum momento paramos para pensar se há outras formas de ser feliz ou se, no mundo, como ele é, as pessoas são realmente felizes. Há normas, leis, convenções em que acreditamos e em que fazemos nossos filhos acreditarem, tornando-se como nós vítimas de um jogo ideológico.

É interessante observar que há e sempre houve pensadores interessados em demonstrar que a educação deve levar à reflexão e, conseqüentemente, à mudança. E, quanto mais o mundo «progredir» científica e tecnicamente, mais a educação leva à repetição, à confirmação do mesmo.

Montaigne⁽³⁾ já afirmava que instruir é formar a capacidade de julgar, de discernir, e é dele a tão moderna expressão «la tête bien faite», a cabeça bem feita, antes que bem cheia.

Séculos depois, Paulo Freire⁽⁴⁾ discute a chamada educação bancária, em que se deposita o conhecimento na mente do aluno

para ficar bem guardado, além de realçar a importância de se reconhecer que ninguém educa ninguém, pois o processo educacional é feito de interações.

O que ocorre então? Se a educação se moderniza, munindo-se de recursos pedagógicos e técnicos, como se pode falar ainda em mesmice, em repetição? É que além das técnicas e recursos audio-visuais ou mesmo eletrônicos, há outros elementos mais importantes nesse processo, a que podemos chamar Poder e Ideologia. Tais elementos atuam independentes do progresso, ou até mesmo por causa dele.

Para ilustrar esse processo de assimilação e reprodução da ideologia dominante, encontrei justamente uma estória infantil, que me caiu nas mãos por acaso.

Era urso? ⁽⁵⁾ é uma estória traduzida e adaptada do inglês pelo escritor Esdras do Nascimento e nos conta as aventuras/desventuras de um urso que acorda, depois de um longo inverno, e se assusta pois, no lugar da floresta, havia uma grande fábrica e, embora fosse primavera, não havia flores, árvores nem pássaros, só fumaça. Cada vez mais surpreso, o urso se vê no pátio da fábrica, onde é repreendido pelo vigia que lhe diz:

«— Ei, você aí! Que está fazendo aqui no pátio? Vá trabalhar».

E ele responde:

«— Trabalhar? Eu? Por quê? Não sou operário. Sou apenas um urso».

O vigia soltou uma gargalhada e insistiu em que fosse trabalhar.

«— Olhe aqui! Ou você vai trabalhar agora mesmo, ou eu chamo o chefe. Troque de roupa, tome banho, faça a barba e vá trabalhar. Não quero gente suja aqui na fábrica».

«E levou o urso à sala do chefe», onde a cena se repetiu. O urso afirmava que era urso e o chefe o mandava trabalhar, depois de tomar banho e fazer a barba. Assim ele foi levado ao gabinete do gerente, à sala do diretor, do vice-presidente e tudo se repetiu.

Na suntuosa sala do presidente, cheia de secretárias, o urso acossado pela hierárquica fila, jurou que era urso, diante do que, paternalmente, o presidente sorriu:

«— Calma, meu filho. Você está muito nervoso. Não precisa esconder nada. Sei que você não é um urso. Faça a barba, tome banho, troque de roupa e vá trabalhar».

Quando o urso insiste em afirmar que é urso, o presidente fecha a cara e diz:

«— Deixe de bobagem. Você não é urso coisa nenhuma. E eu posso provar. Os ursos vivem nos circos e zoológicos, não vivem? Pois, então».

Então vão todos ao zoológico e lá, diante da jaula, consultam um urso sobre a identidade do outro que está do lado de fora. O animal enjaulado afirma: «se ele fosse urso estaria aqui dentro, com a gente». E um filhote grita:

«— Você precisa é de um banho. Troque de roupa e vá trabalhar, vagabundo!»

Em seguida vão todos para o circo e a cena se repete. Os animais no picadeiro dizem que aquele não é um urso, pois ele não vive ali com eles, e um ursinho, que estava aprendendo a fazer acrobacias na bicicleta, gritou:

«— Ele precisa deixar de ser bobo e parar com essa mania. Por que vocês não dão um banho nele?»

Diante da rejeição por sua própria espécie, o urso passa a trabalhar na fábrica durante vários meses. Quando chega o inverno e a fábrica se fecha, ele, que «não tinha casa, mulher, nem filhos, não sabia para onde ir». Quando se preparava para hibernar, pensou:

«— Eu não posso entrar nessa toca. Não sou um urso. Sou apenas um homem preguiçoso, que precisa tomar banho, fazer a barba e trocar de roupa».

Quando o frio aumentou e tudo virava gelo, o urso, depois de ter saudades da fábrica, entrou na toca, «deitou-se outra vez de costas, cochilou, dormiu e sonhou... que era um URSO».

Vimos, portanto, que a assimilação de valores atravessa todos os degraus da hierarquia social e atinge a própria espécie e, por último, o próprio urso, aqui a metáfora do ser humano, especialmente do operário e, porque não, de qualquer ser oprimido, dentre eles a criança.

É importante observar que o urso é o diferente, aquele que está fora da ordem instituída e, por isso, a ameaça. É preciso, pois, controlá-lo, como controlados estão aqueles que se encontram enjaulados no zoológico ou domesticados no circo. O circo e o zoológico são assim o lugar que a nossa sociedade reserva para o selvagem, para o diferente, concedendo-lhe o espaço do exotismo, do espetáculo para ser aplaudido sob controle.

Assim é a nossa criança, o receptor passivo de valores que a convencem de que é gente e não urso, de que é obediente, de que é trabalhadeira, de que é branca ou precisa ser, de que é bonita, etc, etc, etc.

Se antes ela era repreendida, não ficava na sala quando havia visitas; hoje, ela ocupa o centro das atenções, representa para ser aplaudida pelas visitas; ou está no zoológico ou no circo, presa ou aplaudida sob controle. Resta-lhe a oportunidade de dormir e sonhar que é criança.

E é aí que vale verificar o papel da literatura infantil como oportunidade do sonho, do diferente ou de reduplicação do real constituído. Logo não nos interessa discutir realismo ou fantasia na literatura para crianças, como se tem feito até agora. Não é discutindo se se deve falar de divórcio ou de fadas que atingiremos o cerne da questão. O problema é verificar, sob a capa de fantasia ou de realismo, que real está se formando na mente da criança com a ajuda do texto produzido para ela.

Vejamos, por exemplo, uma estória de Maria Thereza Cunha de Giácomo, *O burrinho verde*,⁽⁶⁾ metonímia de diversas estórias, entre elas *O patinho feio* e *Dumbo, o elefante voador*.

O burrinho é diferente de seus irmãos: Nevado, o branco e Chocolate, o marron; o que já lhe dificulta ter um nome próprio. Ele era «o grande desgosto na vida de D. Mimosas», sua mãe.

«Por um acaso que nunca se tinha visto no mundo, o caçulinha de D. Mimosa nascera com o pelo verde». E, «por causa de sua cor, ninguém lhe dava atenção».

Já cabe aqui a primeira questão: — A criança recusaria por si só a idéia de um burrinho verde? Ela que aceita que os animais falem, que as fadas existam assim como os gnomos, os anõezinhos, o saci e outros seres que nós já expulsamos de nossa realidade?

O burrinho é excluído do mundo dos outros companheiros que dizem: «— Burro verde não existe no mundo, logo você não existe. E por isso não podemos brincar com você»; além de dizer que só brincam com ele se seu pelo for pintado de branco.

O Burrinho Verde é alvo de risos ou de piedade e, assimilando a discriminação, «chorava em silêncio sua pouca sorte», derramando lágrimas verdes.

A mãe, a despeito do amor que dizia dedicar-lhe, esfregava-o com água e sabão na esperança de mudar-lhe a cor, que, ao contrário do que se esperava, se acentuava mais e mais.

Na ocasião de se procurar emprego, Chocolate e Nevado encontraram logo trabalho enquanto o Burrinho Verde era sempre rejeitado «porque estranharam aquela cor tão esquisita para um burrinho».

O burrinho desaparece e só volta para dar a boa notícia de que vai trabalhar em um circo.

Assim é que o diferente encontrou seu espaço, o circo, onde vai ser aplaudido juntamente com uma minúscula bailarina cor-de-rosa, outro exemplo de exotismo. Chegou o sucesso e com ele a aceitação do burrinho pelo grupo que antes o rejeitava.

O preconceito contra o diferente, no caso, marcado pela cor, é concretizado nessa estória e, como se vê, interiorizado pela própria «vítima». A única forma de se superar tal discriminação é o sucesso e a aceitação de se conservar no espaço que é reservado àquele que está fora dos padrões convencionais.

Observemos que, mesmo sem se falar em negros e brancos, o preconceito de cor foi detonado ou realimentado. Digo «detonado» porque a criança não rejeita o colega de cor diferente

enquanto não aprende a fazer isso estimulada pela sociedade. O adulto ensina à criança a rejeitar o outro ou até a si mesma, se é ela a diferente. Isso me faz lembrar o caso daquela menininha morena que, depois de ouvir elogios e mais elogios à irmãzinha loura de olhos azuis, pede à mãe para pintá-la de branco. E é isso que o negro faz em nossa sociedade quando tenta se branquear, adotando como modelo a aparência do branco, o comportamento do branco, a vida do branco, esquecendo-se de que a diferença não significa inferioridade.

Voltando às estórias infantis, a personagem diferente ou se torna como as outras e até superior a elas, como o cisne de **O patinho feio**, ou ocupa o espaço que lhe é reservado, o zoológico ou o circo, como Dumbo, o elefante de orelhas grandes como asas.

Em nenhum momento, verifica-se a revolta, o questionamento por parte da «vítima»; o que há é o conformismo ou a fuga até que se efetive a aceitação pela comunidade, que só aceita aqueles que são «lindos e bem educadinhos» como os outros burrinhos da estória.

Também ao Cavalo Amarelo, o Belo, personagem da estória do autor mineiro Libério Neves,⁽⁷⁾ foi reservado o espaço do circo. E ele que não se sujeitava às rédeas, porque queria ser livre como o vento, sujeitou-se ao espetáculo, orgulhoso de seu próprio sucesso. Só que sua estória não termina aí como a do Burrinho Verde, ele envelhece e perde a força, a agilidade e até mesmo o brilho da cor, responsável pelo seu sucesso, e, com ela, o respeito das pessoas. Passa a ser alvo de riso ou piedade. Ouvindo as palmas que não são mais para ele, caminha e vai morrer no centro do picadeiro. Sua morte é a fuga do fracasso advindo com a velhice. Ele se ilumina, sai voando pelo picadeiro e sobe pelos ares, «um cometa galopando no céu maior da fantasia».

Um novo elemento foi acrescentado nessa estória: a função da fantasia, a morte como oportunidade de transcendência. Os valores em jogo, porém, são os mesmos, o sucesso e o aplauso advindos do espetáculo vivido por aquele que é diferente.

Como na sociedade em que vivemos, o velho se sente inútil porque não produz mais e não tem o reconhecimento do grupo social de que faz parte. A morte ou a fantasia são também formas de evasão, de fuga, de escapismo.

Várias outras estórias mostram a exclusão daquele que foge ao modelo reconhecido como ideal, ora rejeitando-o, ora tratando-o como um ser exótico, digno de ser observado.

Maria Mazetti, em **Coisa de lata com choro de prata**,⁽⁸⁾ mostra a exclusão do Tartaruguinho Renato após ter bebido luarex, «uma coisa parecida com leite, mas que é luar derretido». Os bichinhos não quiseram brincar com ele, porque ele ficou branquinho, «parecido com tampa de alumínio»; e o papagaio Currupaco, o locutor da floresta, chamou todos para ver «uma coisa de lata que chora um chorinho de prata». Todos formaram fila para ver o Tartaruguinho Renato, que só foi reconhecido e aceito pela mãe. Mas mesmo esta se propõe buscar graxa marron de engraxar sapato para engraxar o seu filhinho. Renato passa a rir «riso de guiso» de alegria pela expectativa de voltar a ser como antes. Chega, então, Dona Lua que retira o luarex «e o tartaruguinho Renato virou ele de novo».

Mesmo com a magia de **O Cavalo Amarelo** ou **Coisa de lata com choro de prata**, há sempre o predomínio do mesmo e a recusa do diferente.

É interessante observar o lugar ocupado pela mãe nas diversas estórias, aquela que reconhece e aceita o filho de qualquer forma, mas sempre se apressa a favorecer sua uniformização, mudando-lhe a cor ou inserindo-o no seu espaço demarcado. O conceito de amor é, então, bem delimitado: ama-se sempre, mas não há a aceitação do filho como ele é, pois há assimilação do sentimento de inferioridade, quando se partilha a dor, a tristeza de ser excluído. E só se sente orgulho do filho quando vem o sucesso e o reconhecimento da comunidade.

Seria interessante verificar se há estórias em que não se dá a exclusão do diferente. Vejamos, por exemplo, a estória **Asa Curta**⁽⁹⁾ de Gilberto Mansur.

Asa Curta, um velho e sábio pássaro, não sabia voar e se entristecia por isso. Ele sabia fazer muitas coisas, dançar, cantar.

«Mas do que adiantava fazer tudo isso e muito mais que ele sabia fazer e só não fazia porque senão os outros iam pensar que ele era um passarinho louco — de que adiantava fazer tudo isso, se ele não sabia fazer o que o mais novo e o mais analfabeto dos passarinhos de qualquer floresta ou de qualquer cidade era capaz de fazer? De que adiantava ser o passarinho mais famoso que já houve na terra dos passarinhos, se ele não sabia voar?».

Asa Curta era um doudo pássaro, mas não se sentia feliz e escondia dos outros o seu segredo, só partilhado com sua amiga a Andorinha Veloz, que o consolava:

«— Mas você é o passarinho mais perfeito que todo mundo já viu, Asa Curta! Sabe fazer casa como o João de Barro, canta que nem Curió. E, depois, ainda é artista de dar inveja a toda gente».

É interessante observar que Asa Curta «era mesmo um artista, desses de ganhar prêmio em televisão: dava cambalhota como gente de circo, levantava galho de árvore com uma pata só, imitava voz de homem e de mulher, assoviava comendo alpiste...» Mas a integração não se dá pelo exotismo e ele carrega as marcas da exclusão: «era um passarinho assim: solteiro, muito velho, muito artista, muito invejado e muito infeliz».

Mas a estória tem final feliz e Asa Curta passa a se chamar Asa Comprida depois de ser nomeado Conselheiro Oficial dos pássaros. Vencendo a inveja e o ciúme de alguns, partilhando seu segredo, com o apoio dos amigos, ele conseguiu demonstrar que há outras maneiras de voar — «com o pensamento, com a inteligência, com a memória, com a imaginação».

Pôde-se perceber, portanto, que aqui a integração se deu não pela força ou pelo exotismo, mas pelo saber, pelo conhecimento adquirido nas experiências vividas e nos livros: o que nos leva a concluir que permanece a exclusão do diferente que precisa se impor de alguma forma para ser aceito pelo grupo. Em nenhuma das estórias lidas a personagem foi aceita independentemente de sua diferença, permanece a lógica de nossa sociedade, pautada pelo senso-comum, o bom senso. E é esse senso-

comum, esse bom-senso que as crianças absorvem e reproduzem, reproduzindo as normas sociais vigentes.

Mas não há porque invalidar tais produções culturais, seria muito simplista essa atitude porque redutora da complexidade da situação vivida pela criança. É importante considerar não apenas o texto mas todo o processo de leitura, envolvendo autor/texto/leitor/contexto. O texto é, pois, um lugar de interações de elementos diversos ligados ao momento da produção e do momento da recepção. Ele é resultado de uma leitura do mundo ⁽¹⁰⁾ e a origem de outras leituras mediadas por outros contextos. O importante é, pois, respeitar a criança enquanto leitor, enquanto o outro que é diferente, mas não é inferior.

A criança é um ser que questiona sempre, faz perguntas e mais perguntas e não está interessada em fornecer respostas é, portanto, o leitor por excelência. Se nós, «os colonizadores» — pais, professores, escritores, vítimas do mesmo processo, — conseguíssemos respeitar a capacidade dos «colonizados», não exterminando o que eles têm de mais peculiar, a capacidade de fazer perguntas, de criar, de perceber o mundo sob uma ótica diferente da nossa, estaríamos cooperando para a instauração de uma ordem com semelhanças e diferenças e, portanto, mais fecunda. O caminho, para isso, é a reflexão crítica, o pensar sobre o mundo em que vivemos, dando primazia à pergunta e não à resposta cristalizada, deixando a criança conviver com o adulto, o princípio do prazer conviver com o princípio da realidade, o não-senso conviver com o senso-comum.

O adulto tem como hábito desprezar a capacidade da criança e querer dirigi-la sempre. Certa feita, como professora de 5a. série do I grau, pedi aos alunos que escrevessem tudo que lhes viesse à cabeça, tudo o que pensassem; ao que o aluno retrucou: «— Mas como vou escrever? Mamãe disse que criança não pensa». Eis o urso que se acredita homem. É mais fácil conduzir um operário que um urso, é mais cômodo ser mãe de uma criança que acha que não pensa.

Um outro aspecto importante a se considerar é que, muitas vezes, a criança quer ser o excluído. Observe-se que não falo

da identificação catártica do excluído que se projeta no personagem liberando suas frustrações e seus anseios, o patinho feio que acredita que, mais cedo ou mais tarde, será um cisne formoso, ou o menino pobre que, por suas proezas, vai se casar com a princesa e tornar-se um poderoso rei. Falo da criança que quer sair da domesticidade e sonha que é urso. Meus filhos brincam de «menino da rua». «— Faz de conta que nós não temos mãe e vivemos na rua, com fome e sem brinquedos».

Podemos nos perguntar: — o que atrai as crianças protegidas na vida das outras? — o que as leva a querer, no sonho, a passar para o outro lado? Seria a mesma coisa que leva o aluno a detestar a escola e pedir de presente de natal poder abandonar o colégio?

A nossa escola reprova, rejeita, exclui e rotula todo aquele que não for capaz de assimilar e reproduzir o que ela se propõe a ensinar e não se preocupa em fazer florescer outros valores que cada indivíduo tem por desenvolver. É a relação colonizadora e cabe a nós questionar tal situação, buscando não matar o poeta que cada criança é, refletindo com elas e como elas:

— Por que o burrinho verde era rejeitado?

— Será que ele só deveria ser amado depois do sucesso no circo?

— Só as pessoas importantes dever ser respeitadas? — O que é ser importante?

Acho que é preciso aprender com Alice, a do país das maravilhas, a atravessar o espelho inserindo-se no mundo do não-senso, porque só o não-senso é capaz de questionar o senso-comum. É preciso aprender com Nhinhinha,⁽¹¹⁾ personagem de Guimarães Rosa, a fazer sem se preocupar com a transitividade do verbo, «estou fa-a-zendo...», pois a criança faz, cria como o poeta (o termo *poiesis*, significa fazer). É preciso aprender com Miguilim ⁽¹²⁾ a ver o mundo através de óculos novos que ampliam os horizontes. Em suma é preciso querer mais aprender que ensinar, sem querer se investir em autoridade constituída, em conselheiro oficial da criançada.

Se a arte é o lugar reservado pela sociedade para o não-senso, como categoria estanque, pertinente ao circo e ao zoológico, o escritor, muitas vezes, se arvora em dono do espetáculo ou conselheiro oficial do grupo, trazendo a arte para reforçar o senso-comum, mesmo quando pensa estar alimentando a fantasia, o sonho.

Sonhar é preciso, mas pensar também é preciso e a arte pode fundir os dois, como a criança, trazendo o outro para o lado de cá, levando o mesmo, o eu para o lado de lá.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. KLINEBER, Otto. Cultura e culturas em um mundo em mutação. IN: *O Correio da Unesco*. Rio, Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura/Fund. Getúlio Vargas, 1982. Ano 10, nº 9.
2. Sobre esse assunto pode-se consultar o artigo acima citado, além de: VELHO, Gilberto. O conceito de cultura e o estado das sociedades complexas. IN: *Artefato: um jornal de cultura*. Rio, Conselho Estadual de Cultura, 1978. Ano I, nº 1.
3. MONTAIGNE, Michel de. De l'institution des enfants. Essai XXVI — livre I. IN: *Essais*. Paris, Gallimard, 1965, p. 183.
4. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. Ver também *A educação como prática da liberdade*, da mesma editora.
5. NASCIMENTO, Esdras do. *Era urso?* Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d. Baseado na história original de Frank Tashin — *The bear that wasn't*.
6. GIACOMO, Maria Thereza Cunha de. *O burrinho verde*. São Paulo, Melhoramentos, 1983.
7. NEVES, Silvério. *O Cavalo Amarelo*. Belo Horizonte, Vigília, 1983.
8. MAZETTI, Maria. *Coisa de lata com choro de prata*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1968.
9. MANSUR, Gilberto. *Asa Curta*. São Paulo, Vertente, 1977.
10. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler — em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez, 1982.
11. ROSA, Guimarães. *A menina de lá*. IN: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
12. ROSA, Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio, José Olympio, 1979.